

Orlando Caliman

É economista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ocaliman.vix@gmail.com

/// A terceirização é condição necessária de destravamento e adequação da nossa economia aos padrões mais avançados de desenvolvimento

Estamos atrasados

Terceirização, um conceito ainda não tão bem claro tanto para especialistas, muito menos para o público em geral, na verdade, não é um fenômeno que se apresente como novidade no mundo da economia. No fundo, de um forma ou de outra sempre existiu. Na agricultura, por exemplo, há séculos e por muito tempo, era comum terceirizar no todo ou em parte a produção. Nesse caso, os serviços prestados muitas vezes eram pagos com a própria mercadoria produzida. Faz lembrar a figura do “colono”, com forte presença na história da formação econômica e social do nosso país e também do nosso Estado.

O conceito de terceirização na produção de bens e serviços, sejam eles de natureza pública ou privada, está umbilicalmente atrelado à distinção que se faz entre atividade fim e atividade meio nas funções produtivas. Aliás, uma distinção que a meu ver faz cada vez menos sentido, tendo em vista os avanços tecnológicos, que proporcionam um leque enorme de oportunidades para a fragmentação sem limites nos processos e cadeias produtivos. E isso sem fazermos distinção entre produção de produtos ou serviços.

A terceirização se fez presente pela primeira vez enquanto estratégia mais ampla

de produção nos EUA, durante a Segunda Guerra. E começou exatamente no esforço de guerra na produção de equipamentos e artefatos bélicos. Foi quando pela primeira vez as atividades classificadas com “meio” começaram a ser feitas sob o abrigo de contratos de empresas especializadas, que se concentravam no fornecimento de serviços de suporte. A estratégia no caso era de concentrar o foco nas atividades fins. Ou seja, no produto final.

De lá para cá o mundo mudou muito. E continua mudando velocemente. O que podemos observar nessa trajetória é uma tendência também crescente de consolidação de especializações que, combinadas com a novas tecnologias da informação e comunicação, e também de conectividade entre países – facilitação nos transportes –, faz perder força qualquer distinção que se possa fazer entre atividade fim e atividade meio. A atividade fim da Nike, por exemplo, não é produzir tênis, mas sim vender a marca, e através desta, o tênis.

Estamos, portanto, diante de processos globais de transformação cujas consequências, que podem ser tomadas como inexoráveis, implicam necessariamente adequações e aderências a esses movimentos mais amplos, sob pena de retardamento do nosso processo de desenvolvimento e inserção competitiva global.

A terceirização, portanto, é uma condição necessária, mesmo que tardia, de destravamento e adequação da economia brasileira aos padrões mais avançados de desenvolvimento. Não é algo a ser demonizado, como alguns propõem.